“Progressão Continuada não significa deixar de ensinar. Ao contrário, o desafio é enorme”

Vários relatórios do Saresp 2000 das Diretorias de Ensino apontam que ainda não foram totalmente compreendidas por uma parcela dos professores, estudantes e pais a importância da Progressão Continuada para o desenvolvimento do aluno nem a estratégica função da avaliação, permanente e externa, para readequação e diversificação do processo de ensino-aprendizagem nessa nova estrutura. Esse pouco entendimento do sistema implementado há quatro anos pela SEE no Ensino Fundamental seria um dos fatores que teriam contribuído para o desinteresse pelo estudo de parcela dos alunos e para o rendimento insatisfatório deles verificado no Saresp.

Supervisores e dirigentes regionais de ensino afirmam, todavia, que já há uma grande compreensão na rede de escolas estaduais de que a discussão sobre a Progressão Continuada está equivocadamente centrada no fim da reprovação e da aprovação no Ensino Fundamental, desviando-se do foco principal do sistema, que é garantir o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de habilidades e competências a todos os alunos e possibilitar a permanência deles na escola por, no mínimo, oito anos. “Essa discussão tem um impacto; é polêmica porque traduz um casamento cruel feito no passado com relação à função da escola”, diz Zilma de Moraes Ramos de Oliveira¹.

“A escola era uma obrigatoriedade ilusória no passado, na medida em que pouca gente passava pelo funil muito pequeno que ela representava. A lógica

¹ Integrante do Conselho Estadual de Educação e Professora dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Educação da USP e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP) de Ribeirão Preto, Zilma fala, nessa entrevista, da evolução do ensino e da legislação educacional, discorre sobre a importância da avaliação permanente e externa e da recuperação e do reforço paralelos dentro da Progressão Continuada e esclarece o papel dos indicadores oferecidos pelo Saresp na construção de uma escola pública acolhedora e democrática.

antiga era no sentido de estreitar, com bastante barreiras e obstáculos no caminho, porque poucos poderiam chegar lá no final. Esse funil precisava se justificar e isso era feito exigindo-se níveis de competência adquiridos para ser aprovado e seguir em frente.”

Mas o mundo mudou, as oportunidades educacionais exigidas, por direito, pela sociedade foram abertas e o Ensino Fundamental obrigatório está praticamente universalizado. “O desafio da Progressão Continuada é enorme. Precisa ficar bem claro que ela não significa deixar de ensinar só porque todo mundo passa. Não podemos trabalhar com a impressão de que ninguém quer aprender nada conosco, de que nada temos de importante para dizer e de que os alunos só prestam atenção se tiverem medo da retenção, da única arma em nossas mãos. Os professores devem se conscientizar do seu dever de ensinar.”

Por que a senhora costuma dizer que era cruel, no passado, o sistema de avaliação do ensino?

Zilma – A lógica antiga da escola era do estreitamento (por meio da reprovação e evasão) das oportunidades educacionais. Naquele tempo, a estrutura econômica do Brasil era razoavelmente adaptada para situações de menor exigência de escolaridade. A crueldade era essa: “para que abrir as oportunidades para todo mundo se são necessários poucos médicos, arquitetos e engenheiros e se, numa economia incipiente, as pessoas teriam algum tipo de sobrevivência, mesmo não sendo escolarizadas?”. De lá para cá, as oportunidades foram abertas, atendendo a um direito e, paralelamente, a uma exigência de escolaridade. Hoje, estamos quase chegando ao ponto de precisar que todo mundo tenha nível superior. É preciso compreender essa rápida transformação, daquele Brasil pré-moderno para este Brasil industrial. Há muitos anos o sistema educacional já começou a se orientar para sair da defesa de um perfil que retrata uma única excelência para um modelo de múltiplas competências. Em outras palavras, passou-se a entender que uma pessoa pode ser um péssimo engenheiro, mas ser um poeta sensível, um grande jogador de futebol ou um maravilhoso ser humano. Não nos cabe, no Ensino Fundamental, selecionar uma única excelência e usá-la para medir todos os alunos. Essa orientação e esse patamar de exigência devem ficar para níveis superiores de ensino. Como imaginar que toda a população de crianças tenha a mesma característica e fazer as mesmas exigências sobre elas? Lembremo-nos do ditado popular: nem todo mundo é bom em tudo, mas todo mundo é bom em alguma coisa. Por isso, acho que deva haver uma trajetória de oito anos no Ensino Fundamental em que cada aluno descobre onde ele não é bom, mas também descobre onde é bom. Ele é bom em alguma coisa e não pode ser cobrado rigorosamente por se afastar demais em outras coisas do modelo idealizado de população estudantil que tem o professor.

Quais são os prejuízos da avaliação tradicional?

Zilma — A Constituição de 1988 garante a todos os cidadãos brasileiros o direito de acesso e

permanência na escola. Para atender a esse desafio tem sido defendida a necessidade de substituir a antiga concepção de avaliação escolar punitiva e excludente. A avaliação tradicional foi criada para orientar a organização de turmas dentro de um modelo educacional que pressupõe uma única competência básica a ser dominada por todos os alunos em um mesmo período de tempo. Quem não o fizesse seria apartado da turma e impedido de mover-se (pró-mover-se) para a série seguinte. A retenção do aluno na série que cursou durante determinado período escolar termina, no imaginário que ainda existe nas escolas, levando o aluno a se sentir como alguém reprovado, no sentido de rejeitado, excluído, condenado, censurado. Com isso sérias conseqüências para a auto-estima e futuras aprendizagens são criadas. Entretanto, voltar a cursar a mesma série com o desgaste emocional de perder a turma e parte de sua identidade e ficar revendo as mesmas questões apresentadas do mesmo jeito pelos professores, podem ser situações bem menos educativas do que promotoras de aprendizagem. Com as sucessivas e desestimulantes retenções, os alunos buscam outros meios de inserirem-se no social ou colocam-se contra a escola. Como apontam as muitas pesquisas já realizadas, a não-promoção do aluno tem sido assim a maior aliada da evasão escolar e, portanto, de exclusão do direito à educação que toda sociedade busca garantir.

Há fundamento nos argumentos de que a Progressão Continuada nivela por baixo a qualidade do ensino?

Zilma – Não, pelo contrário. A qualidade é menor quando o mesmo nível de exigência —ter raciocínio politécnico, habilidade poética e capacidade artística e científica — é mantido para todos, que possuem ritmos distintos de aprendizagem. A *Progressão* trouxe desafios novos para o professor: diversificar o ensino para ser exatamente exigente com relação às competências diversificadas. Nós temos na história depoimentos de muita gente bem-sucedida em uma atividade dizendo que foi um mal aluno na escola e que quase desistiu dela porque não tinha o mesmo ritmo de aprendizado dos colegas. A *Progressão* atua no sentido contrário, no da inclusão. Determina que a escola encontre caminhos para atender aos diferentes perfis ao trabalhar os conteúdos da base nacional comum com todos os alunos. Há pesquisas mostrando que a aprendizagem se faz por espirais, ou seja, mesmo que algumas aquisições fiquem prejudicadas por um certo período enquanto se desenvolve o complexo processo de ensino, a continuidade dos alunos na etapa seguinte permite mais avanços do que quando o processo se dá de forma linear. É indefensável o antigo critério de retenção escolar, em que um aluno podia ser retido, por exemplo, porque não alcançou pontos em uma ou duas disciplinas. Vivemos muito essa situação num passado recente e parece que nos esquecemos disso. A *Progressão* é um exercício da nossa capacidade de entender o mundo em sua diversidade. Porém, precisa ficar bem claro que isso não significa deixar de ensinar só porque todo mundo passa para a série seguinte. No sistema de ciclos, no qual os alunos só são retidos nos anos que o compõem se não alcançarem

o mínimo de frequência legalmente requerido, as cobranças devem existir, sim. Mas ao longo do tempo, mostrando as fragilidades do aluno e oferecendo-lhe contínuas oportunidades de recuperação e reforço. Se um pai descobrir que, durante o ano todo, o filho dele estava tendo um desempenho escolar insuficiente e nada foi feito para corrigir a situação, terá toda a razão de acionar os meios legais para que o professor preste contas de sua displicência na orientação do aluno. Ao lado deste olhar atento do professor, é preciso também ter um outro recurso para saber em quais tarefas os alunos não estão se saindo bem para poder modificá-las e torná-las mais eficientes em promover a aprendizagem.

É nesse contexto que entra o Saresp?

Zilma – No acompanhamento diário, o professor pode perceber o desempenho do aluno, tal como o médico observa os sinais, os sintomas e ouve as queixas de seus pacientes. O médico, para confirmar suas suspeitas, recorre a exames que complementem sua observação clínica. O Saresp equivale aos exames, medindo a temperatura da turma e descobrindo quais habilidades ela domina e de quais tratamentos ela precisa. O Saresp é um teste pedagógico elaborado por professores, com base no conteúdo trabalhado em sala de aula, durante um ano letivo, o que o torna um indicador muito confiável. Os dados que ele fornece são imprescindíveis para identificar o que está acontecendo dentro da escola e para programar atividades que acolham níveis de aprendizagem diversificados, mas que auxiliem todos os alunos a se apropriar de conteúdos significativos no seu ritmo. Esse processo não pode ter um tempo uniforme de duração nem pode sofrer impactos agressivos, com seguidas oportunidades de retenções anuais dos que não acompanham o ritmo geral. O Ensino Fundamental deve ser como uma viagem sem solavancos, com o motorista fazendo a troca das marchas no tempo certo para garantir o bom funcionamento do motor mesmo que as condições da estrada se modifiquem. O objetivo do educador é manter o aluno na escola e auxiliá-lo a fazer aprendizagens, e não excluí-lo, entre um ciclo e outro. É preciso verificar os estudantes que tiveram bom desempenho e os que necessitam de medidas suplementares, com reforço adicional, eventualmente ao final do ciclo, para alcançar a aprendizagem proposta.

A Progressão Continuada introduz um novo conceito no processo da aprendizagem?

Zilma – Engana-se quem pensa que a movimentação do aluno para a série seguinte, sua promoção, é fazê-lo subir em uma escala hierárquica, cheia de pré-requisitos seletivos, coisa que os alunos com desempenho escolar insuficiente não merecem. Este não é o sentido pedagógico do termo. Promover uma pessoa é movê-la para frente. Por exemplo, se um aluno encontra dificuldade de dominar o código escrito, precisamos verificar quais outros recursos disponíveis para alfabetizá-lo podem ser utilizados a partir da experiência vivida. Não estamos

aprovando este desempenho como algo desejável porque aprovar significa estar satisfeita com a situação, do mesmo jeito que reprovado denota insatisfação. No entanto, o aluno não tem culpa se não estamos utilizando todos os recursos existentes para que ele acompanhe o nível de seus colegas. Assim, ele deve mover-se com seu grupo social de referência para a etapa seguinte enquanto buscamos alternativas pedagógicas que produzam o resultado desejado. Para identificar essas dificuldades não precisamos usar notas, nem letras, nem cores. Apenas mostrar que, embora seu nível de desempenho não seja o esperado, ele vai mover-se com sua turma para nova rodada de experiências escolares, sem ser obrigado a retomar todo o percurso. Se ele não aprendeu a ler e pega uma turma nova, na qual ele é, no mínimo, um ano mais velho, sente-se humilhado, reprovado e condenado como uma pessoa fraca, displicente ou qualquer coisa assim. Custa para ele sair desse mal-estar. A reação normalmente é tardia. A carga emocional afeta a parte cognitiva. Se reter fosse o caminho produtivo, as pessoas só seriam retidas uma vez. Todavia a história escolar mostra que quem foi retido uma vez tem mais chances de ser retido outras vezes. Se ele fica com a turma e é estimulado satisfatoriamente, pode refazer caminhos não bem dominados, por meio de sistemas de reforço e de recuperação paralela.

Qual é a importância da avaliação contínua?

Zilma - A avaliação contínua analisa todo o esforço que o aluno e o meio escolar fizeram para que determinados objetivos educacionais fossem alcançados. Ela busca verificar relações e apontar caminhos.

As escolas estão se empenhando para que a Progressão Continuada não se torne promoção automática?

Zilma – Há muita confusão sobre o assunto. A dificuldade para entender essa mudança de postura deve-se também à formação que os educadores tiveram. Além disso, há muita confusão entre ciclos e *Progressão Continuada* dentro dos ciclos. Há dez anos a França introduziu o sistema de ciclos de três anos. A primeira avaliação, concluída há dois anos, mostrou que os franceses também se sentiam despreparados para o regime de ciclos, embora se sentissem preparados para o antigo modelo com níveis de exigências de uma excelência única. A conclusão a que chegaram é que eles não sabem avaliar. São capazes de enxergar o que corresponde ao padrão de excelência proposto, mas não conseguem descobrir outras habilidades. O professor que diversifica o trabalho que faz com suas turmas de alunos e que consegue mostrar-lhes que aquilo que ensina contribui para o entendimento do mundo como um todo, não está tendo dificuldades nesse novo sistema. Um ponto a ser retomado é que os alunos de hoje são mais rebeldes e questionadores que os de antigamente. O professor, sem a antiga arma da nota vermelha, sente-se impotente para lidar com a situação. Não tem argumentos para convencê-

los da importância dos estudos e da falta que fazem na sua vida pessoal. Esta situação reflete um momento de transição entre o antigo modelo e o atual. Com o tempo, os alunos e as famílias vão perceber que o domínio de conteúdos é o que faz diferença na vida. Então a escola vai deixar de ser primordialmente um espaço de convívio social e será reconhecida como porta de acesso para melhores oportunidades na vida.

Como os professores devem se preparar para lidar com a Progressão Continuada, com os ritmos diversificados e para conscientizar essa geração sobre as cobranças da sociedade?

Zilma – Muitos professores dizem ter muita dificuldade para convencer seus alunos de que os indicadores do *Saresp* mostram que eles precisam estudar mais. Isso porque, para eles mesmos, se nota baixa não retém o aluno nas etapas intermediárias de um ciclo, por que eles se preocupariam com o *Saresp*? Para mudar isso é preciso muito diálogo e muita reflexão. O importante seria o professor mostrar-lhes que o objetivo do *Saresp* é melhorar o trabalho pedagógico e que o empenho deles nas provas é fundamental para se poder saber em que direção a aprendizagem deveria ser orientada. Contudo, as provas não cobram apenas conteúdos decoráveis. Cobram também habilidades que exigem raciocínio e não requerem estudo prévio.

Como o professor está sendo preparado para desempenhar trabalho diversificado e oferecer todas as condições necessárias para o aluno aprender?

Zilma – Toda a comunidade envolvida com as questões educacionais está empenhada na busca de alternativas para melhorar o trabalho docente. Nunca a educação esteve tão em pauta como atualmente. A Internet tem sido uma grande aliada. São inúmeros os sites que trazem alternativas e apresentam sugestões de como melhorar a prática educativa e continuar investindo na formação profissional. Outra possibilidade está na descoberta do potencial do professor. Ele pode ser mais confiante e ousado. Muitos docentes da rede estadual que não se deixam abater, fazem coisas maravilhosas que aparecem em publicações e sites especializados.

A Secretaria estuda novos mecanismos de desenvolvimento profissional?

Zilma - A Secretaria organizou um Centro de Referência em Educação onde foram sistematizadas variadas fontes de informação de dados, que vão desde a indicação de livros, vídeos, sites e também de publicações oficiais com toda a produção atual e passada da Secretaria de Educação sobre temas como *Progressão Continuada*, ensino de Geografia, aprendizagem avançada de Matemática, sexualidade, indisciplina, gravidez estudantil e questões de alfabetização etc. Da escola ou de casa, o professor pode acessar as bibliotecas da CENP, da FDE e da própria Secretaria,

além das bibliotecas de universidades e de centros de pesquisa. Além disso, o centro é um espaço para exposições, seminários e trocas de experiências.

Qual o alcance desse centro?

Zilma – É uma alternativa valiosa de ensino. Ele oferecerá inúmeras opções para enriquecer o trabalho pedagógico em todas as escolas, pois estão disponíveis inúmeros projetos e experiências em todas as disciplinas. O professor tem autonomia para acessar tudo que achar interessante. Com isso, as oficinas pedagógicas ficarão menos sobrecarregadas e poderão trabalhar no desenvolvimento de novos projetos. Outros projetos da Secretaria também seguem nessa linha de atualização e troca de experiências.

Um dos objetivos do Saresp é criar uma cultura avaliativa na rede. Essa idéia já foi concretizada ou estamos a caminho disso?

Zilma – Ainda há muito a percorrer, mas a culpa não é só das escolas. Há muitos outros fatores, entre eles a estrutura arcaica de alguns cursos de formação universitária. Acredito que os professores, fascinados, estão começando a aperfeiçoar seus próprios instrumentos de avaliação da aprendizagem. O importante é a instrumentalização do seu olhar, porque, voltando à comparação com o clínico, o médico que é bom erra pouco e dificilmente se surpreende com os resultados dos exames. Afinal, ele já tinha suspeitas a partir da consulta. O exame, nesse caso, tem a função de confirmar ou não as suspeitas.